

Os “personecontos” de Bith: indiferença, dor e tragédia sob a máscara do riso¹

Bith’s “Personecontos”: Indifference, Pain and Tragedy Under the Mask of Laughter

Andréia Delmaschio*

Resumo: esta leitura da poesia inédita de Bith busca entender o modo como um formato tradicional (o soneto) e recursos humorísticos como o chiste, o trocadilho e a ironia, aliados à variedade temática e a uma divulgação “alternativa”, produzem e emaranham diferentes redes e caminhos de leitura para mais essa faceta da poesia contemporânea.

Nesta comunicação, meu objetivo é tão-somente esboçar alguns apontamentos para futuras leituras da produção poética inédita e em construção do poeta Bith, mas meu desejo real é antes que possamos

¹ DELMASCHIO, Andréia. Os “personecontos” de Bith: indiferença, dor e tragédia sob a máscara do riso. In: CARVALHO, Raimundo Nonato Barbosa de; SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira (Org.). *Poesia: horizonte & presença*. Vitória: Ufes, 2002. p. 57-65.

* Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

ler juntos, aqui, alguns dos textos que selecionei para estudo, prazer do qual não abriremos mão.

No resumo deste trabalho refiro-me aos *personcontos* de Bith como sendo textos de temática variada, traçados no formato tradicional do soneto e divulgados de maneira “alternativa”. O modo de divulgação a que me refiro é a Internet, por onde os textos vêm sendo enviados desde 1998. E talvez a palavra “alternativa” não me tenha auxiliado. Explico: a rede é alternativa, sim; porém, para esse tipo de atitude: divulgar poesia inédita, a princípio sem outra pretensão que não seja recolher comentários, gostos, opiniões.

Eu, por mim, que nunca fui mesmo muito assídua com a minha correspondência virtual, faço agora esta comunicação, como quem *personifica* um *e-mail*, um pouco engordado, em resposta aos 34 *personcontos* recebidos e até então nunca comentados.

Início, portanto, deixando que “baixe” essa primeira pessoa, como se fosse um espírito ou um arquivo remoto, e prossigo no risco saboroso desse exercício lúdico com os textos de Bith. As possíveis teorizações acerca da produção poética contemporânea, assim como o trabalho com questões mais puramente conceituais, darão lugar a um olhar curioso sobre os *personcontos*, sendo esse, o do olhar, o único sentido de *teoria* (do grego: contemplação) que quero aproveitar aqui.

Os *personcontos* são sonetos formados – com raras exceções – por catorze versos decassílabos, *heroicamente* metrificados por Bith e costumam vir enumerados, numeração que penso dever ser mantida ou ajustada para edições posteriores, pelo feixe de significações que muitas vezes o número introduz no texto. O neologismo *personconto*, criado para nomear esses textos avisa, no entanto, que não se trata simplesmente de sonetos, mas também de narrativas. Melhor dizendo, *ficções* que interrogam, nessa sua formulação, sobre a

necessidade do divórcio entre os *gêneros*, sobre a sua antiga, propalada e questionável *incompatibilidade*.

A princípio, quando cogitei escrever sobre eles, não percebi a complexidade da tarefa que me propunha, o que significa que, à parte uma certa indisposição pessoal para o trabalho com a forma fixa e os versos metrificados, eles conseguiram me seduzir com a sua aparente simplicidade. Quem já os recebeu deve reconhecer o fenômeno a que me refiro: é possível gostar dos *personcontos* sem absolutamente entendê-los. E foi assim que, na minha obsessão pelas coisas simples, fui conduzida, mais uma vez, ao centro do enigma. Enigma, enigmas a cuja pretensão de desvendar aqui abduco, no fôlego curto desta fala. O que pretendo, conforme o resumo apresentado – ou mesmo contra ele -, é traçar algumas observações sobre como o humor e uma certa aparência de simplicidade nos conduzem, nesses poemas, para um trabalho formal apurado e para a criação de personagens e situações que nos parecem estranhamente familiares e corriqueiras.

Reafirmando a idéia de *persona* que os nomeia, há nesses textos um constante vestir e despir-se de máscaras, por vezes tematizado nos poemas, por outras iniciado com a seleção vocabular e o trabalho com os nomes, e indo até a marcas mais concretas na caracterização das personagens e a ações como o barbear-se, o maquiagem-se, o embebedar-se, o mutilar-se ou o mascarar-se para um baile a fantasias. A recorrência às máscaras explicita também uma consciência do bioficcional, a forma como se misturam aí ficção e vida. E talvez o verbo nem seja “misturar”, posto que não são mesmo duas instâncias que possam ser “separadas”, no meu entendimento.

Já no *personconto* número 1 se anuncia sutilmente o baile de máscaras que ora adentramos, munidos da nossa indumentária de leitores.

Paulo e Paulus

Quando Paulo se viu naquela selva escura,
pensou estar perdido. Uma luz ao fundo
serviu-lhe então de guia. Percebeu-se nu,
excitado, com frio. De repente, um

gato preto aparece e, sorrindo, lhe diz,
entredentes, na treva: "Lembra-se de mim?"
Era Paulus, meu Deus, recordou o perdido
poeta, pasmo e trêmulo, qual um noctívago.

"A luz que você vê são meus olhos abertos,
como faróis, espelhos negros que revelam
o caminho do inferno." E sem mais nem menos,

sorrindo, sumiu. Paulo apalpa a própria cara,
procurando na mata da memória a cara
do gato preto Paulus que outrora matara.

Esse personeconto traz uma personagem cindida e com dificuldades para reconhecer uma outra face sua, diabólica, e que no entanto – ou por isso mesmo – o seduz. É um sujeito palúdico (do latim palude: pântano), forçado a mergulhar na "mata da memória", em meio à dantesca "selva escura" onde encontra a sua outra face, morta e esquecida. Como Dante diante do inferno, o poeta pasma e treme, ao reconhecer no fantasma felino que surge a sua frente (o gato Paulus) o seu próprio inferno. Ali, como em muitos *personcontos*, por detrás de um tom leve ou sob o dito chistoso e a paródia, surge "a ponta da orelha de um drama", apontando sempre para a tensão que conforma, ao final, o texto e a vida.

Já a partir desse primeiro poema percebe-se o que se mostrará uma certa obsessão pelos verbos rir e sorrir (22 ocorrências em 32 *personcontos* recebidos; não atualizo a soma para os 34 atuais porque consta que um "sumiu"* e outro está "em construção"). Além dos recursos de humor utilizados na construção do texto propriamente dita, as personagens riem de tristeza, riem da rima, riem de raiva, riem do chiste, riem da morte enquanto a morte ri delas, riem da própria erudição (eros-dição), riem umas das outras, aproximam-se por

saberem rir, riem pensando em suicídio² e uma delas declara: “não me agrada nada a arte de chorar”. Por vezes a natureza faz coro com as personagens. Assim, se em “Lott e Cida” “chovia aos prantos”, quando Romero e Eva riam, a madrugada “cor(-)ria” (personaeconto 9).

Henri Bergson fecha seu último capítulo sobre o riso atentando para o fato de que “O filósofo que o recolher para experimentá-lo encontrará às vezes, numa pequena quantidade de matéria, certa dose de amargor.” (Bergson, 2001, p. 148). E essa mesma tensão aparece aqui. Por exemplo, em textos como “Vítor”, cujo personagem “brinca” teatralmente de deslocar-se entre os dois resultados possíveis de um exame de HIV, texto de um tom meio Bandeira, meio Drummond.

Vítor

Ex-querido diário: fui pegar,
à tarde, o resultado. Negativo.

.....
Já voltei. Não achava o meu cigarro.
Ah, que bela fumaça... Estar vivo

é tão bom, meu querido ex-diário...
Vou preparar um drinque... Que de-lí-cia!...
Recito cada sílaba. O Mário
de Andrade, pode rir, falava assim.

Dizem. Você sabia, meu escravo
de papel? Não se irrite c’um H
IV – tão negativo... Meu bem: minto.

É tudo pose minha... Tudo falha...
.....
Visto-me... Drinque, quarto, essa-página...
Resta o nome... que parte... assina... Vítor!

A idéia de vitória insinuada no nome do personagem Vítor vai sendo, ao longo do texto, ironicamente esvaziada e desmascarada, até que o Vítor inicial, passando

² Nota do Autor de *Personaecontos*: desde o envio dos poemas via internet, sumira o soneto nº 7, originalmente intitulado “João dos Santos Silva”. Para não ficar um vazio, e não ter de alterar quase toda a numeração, um dos últimos poemas feitos, “Elizeu”, veio a ocupar o lugar do soneto desaparecido.

pelo seu HIVítor, identifique-se foneticamente, ao final, com um vírus: “Resta o nome... que parte... assina... Vítor!”, numa *antivitoria* irônica, já que sinaliza para a doença, prenúncio da morte, mas que é, sobretudo, o jogo possível do discurso que desestabiliza quaisquer certezas, já que, como diz a personagem, “tudo falha”: o exame, o resultado, o seu discurso sobre eles; nada é absolutamente confiável. A personagem parece querer ludibriar a morte, enquanto engana a si e ao diário – seu “escravo de papel” –, escamoteando o resultado, que pode ser *positivo*, ou seja, totalmente negativo – “tão negativo!”, como diz ele. No entanto, ele vai deixando, desde os primeiros versos, pistas de que, independentemente do resultado, despede-se da vida, já que o registro é feito num “exquerido diário” ou num “querido ex-diário”. Assim, o HIV que parecia *positivamente* “negativo”, em seguida passa a um resultado “tão negativo” que indica o próprio resultado “positivo” do exame, paradoxal e ironicamente. Num curioso exercício de intratexto, consciente ou não, o HI retorna, nomeando misteriosamente o *personaeconto* de número 30, em que as duas letras compõem como as iniciais do que chamo *personarrador* bithiano, desta vez despido em meio ao baile de máscaras e disfarçado assim, na sua ausência de roupas, de Homem Invisível, num reconhecimento da máscara por baixo da máscara e da forma como despir também pode ser, ainda uma vez, esconder.

É interessante observar em “Vítor”, e também em outros *personaecontos*, como a quebra entre as estrofes, graças à possibilidade de um rearranjo sintático das sentenças, abre espaço a diferentes leituras. Um outro ponto a observar na leitura dos *personaecontos* é a forma como alguns vocábulos são mutilados no fim do verso, não somente em prol da métrica, mas dando margem a novos efeitos fonéticos e semânticos.

Em “Nelson dos Santos”, *personaeconto* 2, o despir-se da barba como que prepara a personagem para um diálogo (ou um monólogo?) consigo.

Nelson dos Santos

Acordou cedo. Fez a barba. Com-
prou o jornal. Tomou café. O gosto,
como o costume, bom. No bar, o som
incomodava. Quis andar, e foi

até a praia. "Ei, eu quero um chope."
O boy, surpreso, dada a hora, trouxe.
Ainda eram sete horas. So-
zinho, ali, no sol, pensou: "Nelson,

que fazer agora? Raios o
partam, maldito estorvo e estuprador!
Todo o perdão do mundo não o pou-

pará do inferno. Quem, em plena cons-
ciência, há..." Heróico, Nelson dos
Santos, com trinta e oito, suicidou-se.

Dirigindo-se ao seu lado "estorvo e estuprador", Nelson fala a si como quem falasse a um outro, a mudança de vozes criando a alteridade necessária para atingir um grau máximo de ambivalência e impondo uma dúvida sobre quem se dirige a quem e, mais que isso, sobre quem é quem: quem o eu; quem o outro? As idéias de sujeito e alteridade, há tanto tempo abaladas, dão lugar ao poema – e à vida – como um jogo, permuta de caras e de vozes.

Vejamos o *personeconto* 16, "Lott e Cida":

Fim de tarde, chovia a prantos. Raios
de trânsito, pensou Aparecida,
cantando com o rádio, distraída,
entre Nana, Dori, Danilo e o pai.

Sem mais nem menos, Cida se comove
— a música, a chuva, o movi-
mento no pára-brisa. Pelo vidro
do carro, embaçado, vê seu Lott,

diretor da seção, engarrafado,
fumando, buzinando, tendo um treco.
Que situação, ri Aparecida,

com Chico, foi bonita a festa pá,
fiquei contente, inda... Eu não presto,
eu não presto... Doutor Lott, cardíaco,

tem um ataque e morre, ali, enquanto
Cida, mui comovida, no seu canto.

Nesse poema, a cena é estabelecida teatralmente, desde o início. No trânsito engarrafado, a personagem, cujo nome é tanto o radical latino para “aquilo que mata” (cida) quanto parte do vocábulo cidade, do latim *civitate*, *personifica* a própria metrópole na sua desumana indiferença pela dor do outro. No seu automóvel, a personagem comove-se com a música de Chico Buarque e a interpretação da família Caymmi, indiferente ao que ocorre no carro ao lado e ao caos lá fora, um verdadeiro “cidadicídio”.

Como esse, alguns *personaecontos* trazem situações que nos são já tão familiares que surpreendem não pelo choque, mas pela percepção repentina dessa mesma ausência de susto de que somos capazes perante elas. Estranhamento causa, portanto, a familiaridade que há nessas cenas. O modo como fatos corriqueiros se entrelaçam com referências literárias constrói o universo híbrido de criação e vida que é o poema. Não mais se procura longe o assunto raro ou que causará estranhamento; a poesia não se nutre mais disso; basta olhar em volta, pelas ruas, pelos bares, como o faz o *personarrador* bithiano, e lá se encontra o absurdo, muito banal; lá está o estranho, um tanto familiar.

Os *personaecontos* fazem palpitar assim um mundo desencantado, onde um observador vivaz parece querer transmitir sua vitalidade a *personae* que se debatem no tédio cotidiano, oferecendo-lhes as diversas modalidades de riso – o riso do ébrio, o dos desesperados, o do cínico, de inspiração fonsequiana – e buscando, de certo modo, espriar-se por seus corpos, numa forma de senti-los, de sentir com eles e através deles. Italo Moriconi como que se adianta ao traçado desses novos escritos, ao dizer no pé da orelha do primeiro livro de Bith, de haicais – **Digitais**, de 1990: “Proponho um jogo, duplo: com quantas *personae* se figura Bith?”.

Através de seu investimento na linguagem, o *personarrador* bithiano reconhece, por detrás de sua câmera curiosa, que esse mundo só se *recupera* enquanto linguagem. E me ocorre assim uma idéia arquitetônica e um tanto romântica sobre a forma desses textos: talvez que o soneto, com seus quatro pavimentos,

organizados feito em uma construção popular (que não me ouçam do Parnaso!) seja, paradoxalmente, a única possível morada, ainda que temporária e não muito segura, para Paulos e Paulus, Marcos e Divas, Romeros e Evas, Marias e Marílias. Desse modo, distantes da torre de marfim parnasiana, os *personcontos* são antes um castelo de cartas, que o poeta pode carregar no bolso para o meio do turbilhão da rua, e escrever; e inscrever-se na sua ficção, inseparáveis vida e texto.

Na apresentação à coletânea intitulada **+ caras**, o professor de Teoria Literária Leo Grijus Soberg, anagrama de Jorge Luis Borges e tão *fabuloso* quanto as demais *personae* que povoam o livro – digo, a folha de livro -, apresenta os *personcontos* afirmando que “todo poema, sabemos, compõe biografias”. Não podemos dizer que toda biografia, inversamente, componha poesia, mas reconhecemos nesses textos as pulsações do que chamamos *bioficcionalidade*, termo defendido e difundido “sem complacência” por Evando Nascimento, que resume: “nada de literatura antes da vida, nada de experiência vital sem escrita que a suplemente e plenifique” (**Revista Cult**, n. 51, p. 10). Então, nos riscos que Bith traça, não é de estranhar a presença de um outro risco, tão complexo quanto o traçado dos decassílabos, que é o de permitir que o texto se entranhe de nomes próprios, alcunhas e codinomes, designações de *personae* que agora mesmo desfilam por aqui, homenageando, com seus nomes de batismo, as personagens bithianas.

O que pretendo com essa aparente inversão vida/ficção é chamar a atenção para um último ponto: a importância dos nomes próprios nos *personcontos*. O professor Wilberth Claython Ferreira Salgueiro, em sua “Carta aberta para Aurélia”, parecendo parodiar o Vinícius poeta, diz: “Como sabemos, nome é fundamental. Em ficção, o nome jamais é arbitrário; há sempre alguma motivação – o que não quer dizer que devemos forçar os nomes (...) a significar”. Os anônimos que o perdoem!

Encerramos dando voz ao poeta Bith de um haikai que bem demonstra o desejo tentacular de se espriar sempre por outras novas personae, além das suas:

ah. se eu fosse midas
virava um gato de ouro
só pra ter mais vidas

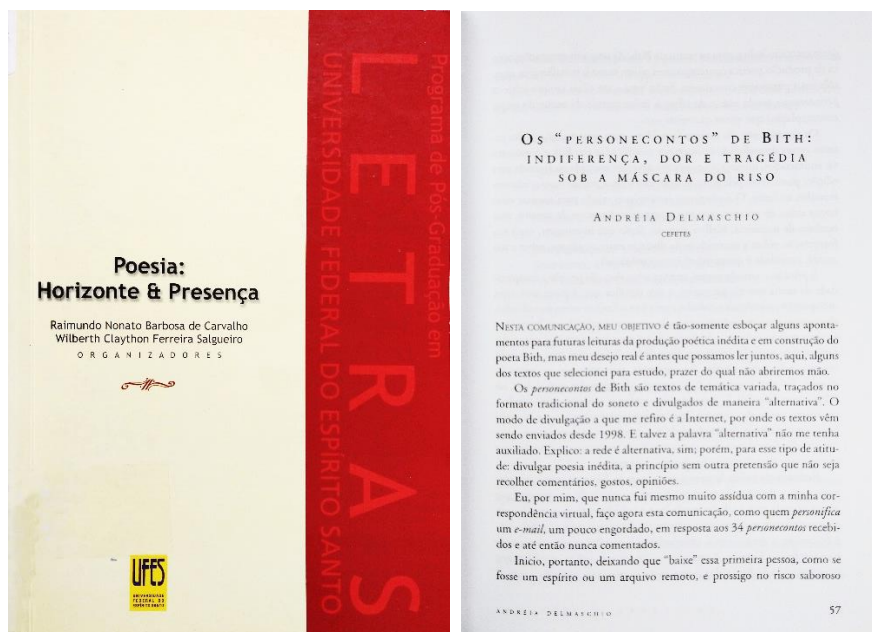
REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **O riso**: Ensaio sobre a significação da comicidade. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BITH. **Digitais**. Rio de Janeiro: Porto Palavra, 1990.

BITH. **+ caras**: 12 personecontos. Vitória: Cronópios, 2001. Série "Folha de livro".

NASCIMENTO, Evando. In: **Cult**. Revista Brasileira de Literatura, 51. "Os favos da (quase) poesia", p. 10.



Capa de *Poesia: horizonte & presença* e a página inicial do capítulo de Andréia Delmaschio.